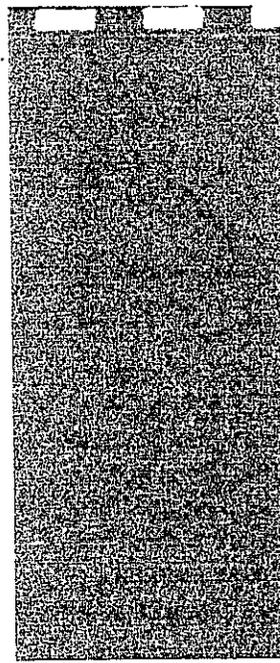


1



Estratégias Familiares de Subsistências
Rurais em Santiago de Cabo Verde.

Carlos Ferreira Couto

1.1. A ABORDAGEM ESTRATÉGICA

1.1.1. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO (DO SENTIDO) DO MUNDO SOCIAL

Pierre Bourdieu, numa entrevista com P. La Maison publicada na *Terrain*¹ definia a sua posição relativamente ao paradigma estruturalista e às críticas que C. Lévi-Strauss dirigia à abordagem estratégica, do seguinte modo:

*"Bref, parce que stratégie est pour lui [Lévi-Strauss] de choix, choix conscient et individuel, guidé par le calcul rationnel ou par des motivations 'éthiques et affectives' et qu'elle s'oppose à la contrainte et à la norme collective, il ne peut que rejeter hors de la science un projet théorique qui vise en réalité à réintroduire l'agent socialisé – et non le sujet –, les stratégies plus ou moins 'automatiques' du sens pratique – et non les projets ou les calculs d'une conscience."*²

A proposta de Bourdieu, consumada no seu estudo sobre estratégias matrimoniais no sistema de reprodução no Béarn³, consiste, como ele refere explicitamente, na tentativa de construção de uma superfície comum (*interface*) entre a etnologia e a sociologia, uma "mudança de ponto de vista" (de natureza epistemológica e metodológica) onde o menos importante eram as regras do parentesco e o essencial eram os "usos sociais do parentesco" ou as "estratégias" matrimoniais.

Com noções como *habitus*, "sentido prático" ou "estratégia", Bourdieu propõe-se libertar do objectivismo estruturalista sem, contudo se refugiar no subjectivismo. A actividade social, vista como um jogo, é incorporada pelo *habitus*, ou aptidão para o jogo, constituindo-se, deste modo, uma espécie de segunda natureza. As estratégias matrimoniais são o produto dessa "aptidão para o jogo" e não da obediência a uma qualquer regra. Os actores sociais "escolhem" a melhor "partida" (aliança ou parceiro) possível,

¹ BOURDIEU, Pierre, De la règle aux stratégies, *Terrain*, n.º 4, "Famille et parenté", Mars, 1995, pp. 93-100.

² Ibidem, p. 94. (o sublinhado não é nosso).

³ BOURDIEU, Pierre, Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction, *Annales*, n.º 4-5, Juillet-October, 1972, pp. 1105-1127.

tendo em conta o “jogo” que lhes é disponível e a capacidade ou habilidade que têm para jogar: Entretanto, Bourdieu adverte-nos de que o “jogo social” é regulado, ou seja, dá lugar a certas regularidades. O problema de como o comportamento dos actores sociais é regulado sem, contudo, ser o produto de uma obediência a regras é resolvido por Bourdieu do seguinte modo:

“Pour construire un modèle du jeu qui ne soit ni le simple enregistrement des normes explicites, ni l'énoncé des régularités, tout en intégrant les unes et les autres, il faut réfléchir sur les modes d'existence différents des principes de régulation et de régularité des pratiques: il y a, bien sûr, l'habitus, cette disposition réglée à engendrer des conduites réglées en dehors de toute référence à des règles; et dans les sociétés où le travail de codification n'est pas très avancé, l'habitus est le principe de la plupart des pratiques.”⁴

Para Bourdieu, as práticas rituais, por exemplo, são o produto da implementação de taxonomias práticas, modelos classificatórios num estado pré-reflexivo e cuja lógica só adquire o seu sentido na prática e para a prática (e que, por vezes, se torna incompatível e contraditória com a própria prática)⁵.

Estas taxonomias, que representam frequentemente oposições binárias como masculino e feminino, etc., guiam a percepção do mundo social, e a sua eficiência está na sua praticabilidade, ou seja, na capacidade de introduzir suficiente lógica no comportamento prático⁶.

O casamento não surge para Bourdieu como uma operação abstracta e instantânea, resultante da mera aplicação de regras descritas pela tradição estruturalista, mas consiste num acto que integra o conjunto de necessidades inerentes a uma posição social dentro de um estado particular do jogo social e a capacidade ou “aptidão para o jogo” mostrada pelos “negociadores”. Estes, como agentes sociais classificados pelo sociólogo, são, por sua vez, “produtores não somente de actos classificáveis mas também de actos de classificação que são eles mesmo classificados”⁷.

⁴ BOURDIEU, Pierre, *De la règle...*, *op. cit.*, pp. 95-96. (o sublinhado não é nosso).

⁵ Cf. BOURDIEU, Pierre, *La Distinction. Critique du jugement social*, Paris, Ed. Minit, 1979, p.545.

⁶ BOURDIEU, Pierre, *De la règle...*, *op. cit.*, p. 99.

⁷ BOURDIEU, Pierre, *La Distinction...*, *op. cit.*, p. 544.

Bourdieu comunga do pressuposto de que todo o conhecimento do mundo social é um acto de construção pela actividade estruturante dos agentes sociais que não reagem mecanicamente a estímulos mas aos apelos de um mundo cujo sentido eles produziram. As estruturas cognitivas a que os agentes sociais recorrem são “estruturas sociais incorporadas” constituídas no curso da história colectiva e adquiridas ao longo da história individual. A natureza prática deste conhecimento, na forma de esquemas históricos de percepção e apreciação, funciona, segundo Bourdieu, “do lado de cá da consciência e do discurso” e é o produto da “incorporação” das estruturas fundamentais de uma sociedade que originam a produção de um mundo de senso comum⁸.

1.1.2. A “ANÁLISE ESTRATÉGICA” E A RACIONALIDADE DAS DECISÕES DOS ACTORES SOCIAIS

Para M. Crozier e E. Friedberg⁹, os actores sociais, em todas as situações, possuem um “mínimo de liberdade” a que recorrem para “vencer o sistema”¹⁰. Desta “margem de liberdade” resulta que a conduta de um indivíduo não corresponde a um modelo simples de obediência e de conformismo quando aquele, no seio de uma organização, se relaciona com os seus superiores hierárquicos, mas constitui o resultado de uma negociação e é ao mesmo tempo, o próprio acto de negociação. Resulta, por isso, de um acto de liberdade, mesmo que mínima, de uma escolha entre as oportunidades que se oferecem ao indivíduo. A conduta humana, segundo Crozier e Friedberg, uma vez não determinada, nunca é inteiramente previsível mas sempre contingente. Nesta ordem de ideias, aqueles autores referem o seguinte:

“Dans cette perspective, la proposition fondamentale que nous pouvons tirer de l'examen de nos cas, c'est que, dans les systèmes humains que nous appelons systèmes d'action concrets, la régulation ne s'opère, en fait, ni par asservissement à un organe régulateur, ni par l'exercice

⁸ *Ibidem*, pp. 545-546.

⁹ CROZIER, Michel, FRIEDBERG, Erhard, *op. cit.*, p. 545.

¹⁰ *Ibidem*, p. 36.

d'une contrainte même inconsciente, ni non plus par des mécanismes automatiques d'ajustement mutuel, elle s'opère par des mécanismes de jeux à travers lesquels, les calculs rationnels 'stratégiques' des acteurs se trouvent intégrés en fonction d'un modèle structuré. Ce ne sont pas les hommes qui sont régulés et structurés, mais les jeux qui leur sont offerts. A la limite, un système d'action concret n'est qu'un ensemble de jeux structurés."¹¹.

Crozier e Friedberg rompem, deste modo, com o paradigma funcionalista que sustenta a ideia da sociedade mantida por mecanismos de controlo social que incidiam sobre as condutas desviantes dos actores sociais¹². Para a sociologia funcionalista clássica os comportamentos imprevistos eram tidos como excepções mas para a análise estratégica de Crozier e Friedberg esses comportamentos são "pontos de partida" para compreender os próprios constrangimentos e condicionamentos sociais. A análise estratégica concebe o actor social como um agente capaz de cálculo e manipulação, autónomo e inventivo e que se adapta em função das circunstâncias e das atitudes dos seus parceiros¹³.

A análise estratégica segue o modelo da "racionalidade limitada" proposto por J. March e H. Simon¹⁴ que torna possível a inversão da abordagem clássica que não permitia reconstruir a liberdade e a racionalidade do actor, ligando a sua conduta ao contexto no qual ele é observado. O modelo de March e Simon permite, então, segundo Crozier e Friedberg, a interpretação dos mecanismos concretos de redução que, embora contingentes, mantêm a organização como um conjunto integrado¹⁵. Aqueles autores criticam, por isso, as propostas de Chris Argyris sobre a racionalidade *a priori*¹⁶ e ainda o "modelo

¹¹ Ibidem, p. 244.

¹² Cf. TOURAINE, Alain, "La pensée «stratégique» de Michel Crozier", in *L'Analyse Stratégique* (Direction de Francis Pavé), Ed. du Seuil, 1994, p.163.

¹³ CROZIER, Michel, FRIEDBERG, Erhard, *op. cit.*, p. 38.

¹⁴ MARCH, J. G., SIMON, H.A., *Les Organizations*, Paris, Dunod, 1979.

¹⁵ CROZIER, Michel, FRIEDBERG, Erhard, *op. cit.*, p. 46.

¹⁶ Ibidem, p. 40. Numa perspectiva "sinóptica" da racionalidade *a priori* o homem procurará a melhor solução a todo o problema.

de ajustamento" *a posteriori*¹⁷ de C.E. Lindblom, pelo facto de estes modelos constituírem postulados simplificadores sem fundamento empírico, que não colocam a relação entre a racionalidade do decisor e a racionalidade do sistema e o problema "essencial" do decisor. Para Crozier e Friedberg, este problema só é posto com as críticas ao modelo racional¹⁸, protagonizadas por Albert Hirschman e J. March que convergem na ideia de que os decisores não sabem nunca muito bem aquilo que querem e descobrem os fins ou propósitos das suas acções ao longo da própria experiência e da tomada de decisões¹⁹.

A incorporação do modelo da racionalidade limitada de March e Simon pela "análise estratégica" de Crozier²⁰ e Friedberg consiste numa aproximação destes últimos autores à psicologia cognitiva e à problemática do tratamento das informações pelo sistema complexo que representa o organismo humano e que evidencia limites cognitivos de racionalidade em situação de resolução de problemas²¹. A racionalidade do *homo oeconomicus* não é a mesma do *administrative man*, dado que o indivíduo pondera as suas escolhas num ambiente definido claramente. No processo de procura de informação o indivíduo é guiado por um princípio de satisfação e não por um princípio de optimização. Só excepcionalmente é que o indivíduo optimiza.

A liberdade e a racionalidade dos indivíduos são contingentes e limitadas assim como a informação que processam. Neste contexto, o ser humano decide de forma sequencial e para cada problema ele escolhe a primeira solução que corresponde, para ele, a um limiar mínimo de satisfação²². Nesta linha de raciocínio, Crozier e Friedberg entendem que a liberdade, a racionalidade, os objectivos e as necessidades dos actores sociais

¹⁷ Ibidem, p. 268. C. E. Lindblom opõe o seu modelo de "ajustamento partidário mútuo" e de racionalidade *a posteriori* ao modelo sinóptico de racionalidade *a priori*.

¹⁸ Ibidem, p. 273.

¹⁹ Ibidem, p. 274.

²⁰ M. Crozier faz esta incorporação já no seu estudo sobre o fenómeno burocrático (ver, CROZIER, Michel, *Le Phénomène Bureaucratique*, Paris, Ed. du Seuil, 1971).

²¹ Ver GRÉMION, Pierre, "La construction du phénomène bureaucratique", in *L'Analyse Stratégique* (Dir. de Francis Pavé), Seuil, 1994.

²² CROZIER, M., FRIEDBERG, E., *op. cit.*, p. 46.

não são entidades abstractas mas construídos sociais e, neste sentido, a dimensão cognitiva introduzida por March e Simon para a análise do processo de tomada de decisão num conjunto organizado, leva à formulação do postulado de que não existe uma situação “objectiva” relativamente à qual o indivíduo reagiria e, por isso, ela é sempre “construída” num quadro de referência dado²³. Logo, para Crozier e Friedberg a questão não se trata de escolha, para o investigador, de um modelo de explicação, mas da abordagem da pesquisa que permita descobrir a configuração social (contexto) que limita e define a racionalidade e liberdade do indivíduo e o “sentido dos comportamentos empiricamente observáveis”²⁴.

Crozier, em *Le Phénomène Bureaucratique*, havia já preconizado a atitude metodológica de introduzir na sua matriz a sociologia estruturo-funcionalista e a análise neo-racionalista da decisão, partindo de uma dimensão fundamental: a incerteza ou imprevisibilidade na relação entre os grupos que constituem um “campo de acção organizado”²⁵. A gestão dessa imprevisibilidade relacional constitui, então, o cerne da definição de um grupo e seus interesses. Por conseguinte, a “análise estratégica” constitui-se no âmbito de uma “sociologia da mudança social e das estratégias”, privilegiando a dimensão diacrónica e rejeitando a definição clássica do sistema e do actor como identidades definidas uma em relação à outra e em relação a normas permanentes e interiorizadas²⁶. Para Crozier e Friedberg, a “análise estratégica” obedece simultaneamente a dois modos de raciocínio “complementares, contraditórios e convergentes”: o raciocínio “estratégico”, que parte do actor para descobrir o sistema e o raciocínio “sistémico” que parte do sistema para “reencontrar com o actor a dimensão contingente, arbitrária e não natural da sua ordem construída”²⁷. O raciocínio estratégico é um raciocínio de descoberta, heurístico, através do qual se elaboram e se verificam hipóteses cada vez mais gerais sobre o conjunto e a partir dos problemas

vividos pelos actores sociais. À questão de como conciliar e legitimar as abordagens “sistemática” e “estratégica”, Crozier e Friedberg referem o seguinte:

“Les deux démarches, nous l'avons vu, sont difficiles à distinguer. Sans raisonnement systémique, l'analyse stratégique ne dépasse pas l'interprétation phénoménologique. Sans vérification stratégique, l'analyse systémique reste spéculative et, sans la stimulation du raisonnement stratégique, elle devient déterministe.

Les deux logiques sous-jacentes sont en certain sens opposées, l'une est inductive, fondé sur un modèle de négociation et de calcul, l'autre est déductive et s'analyse comme une logique de finalité et de cohérence. Dans la première logique, on cherche quel calcul chaque acteur peut faire de son intérêt dans la négociation qu'il doit mener avec ses partenaires. Dans la seconde on cherche quel ensemble de cohérence et de finalités hiérarchisées tend à s'imposer à lui à travers le résultat des jeux auxquels il doit jouer.”²⁸.

O “jogo”, como “mecanismo social” integrador, é o conceito a que Crozier e Friedberg recorrem para integrar as duas lógicas, a do raciocínio estratégico e a do raciocínio sistémico. O conceito de “jogo” na perspectiva da “análise estratégica”, apela a “uma outra lógica e a referência a um outro modelo de comportamento”²⁹. Não existe reconciliação possível entre as duas lógicas ou raciocínios que, embora contraditórias, são mantidas juntas, uma aplicada ao comportamento dos actores no “jogo” e a outra aos resultados (coerência do sistema) desse mesmo “jogo” que, como modelo de integração dos comportamentos humanos, chega a ultrapassá-las. De modo a ultrapassar a ambiguidade da noção de sistema e num outro sentido, a descartar a “análise estratégica” do modelo de inferência e demonstração estruturo-funcionalista (à maneira de Parsons e Easton), Crozier e Friedberg recorrem a um novo postulado: o “sistema de acção concreto”.

Para aqueles autores, o “sistema de acção concreto” não é um conceito abstracto, um esquema *a priori* mas um “ensaio” de reconstituição de um construído humano sem o qual não se daria o procedimento das relações e das actividades sociais. Subjacente à afirmação deste postulado surge um

²³ Cf. GRÉMION, Pierre, *op. cit.*, p. 57.

²⁴ Cf. CROZIER, M., FRIEDBERG, E., *op. cit.*, p. 47.

²⁵ GRÉMION, Pierre, *op. cit.*, p. 60. Pierre Grémion considera mesmo que M. Crozier impõe uma síntese entre a antropologia cultural, a sociologia estruturo-funcionalista e o neo-racionalismo decisional.

²⁶ Cf. TOURAINE, Alain, *La pensée “Stratégique”...*, *op. cit.*

²⁷ CROZIER, M., FRIEDBERG, E., *op. cit.*, pp. 197-198.

²⁸ *Ibidem*, pp. 203-204.

²⁹ *Ibidem*, p. 204.

outro que sustenta a necessidade de um “jogo” que coordene as estratégias opostas dos actores sociais relacionados, ou seja, de um sistema “contentor” onde se dão os conflitos, alianças ou negociações e os jogos entre os jogos contidos nesse conjunto³⁰.

A recusa de qualquer substantividade ou “naturalidade” do sistema, parte do postulado da possibilidade de demonstração concreta da existência de jogos regrados e, por isso, de “sistemas de acção concretos”. Dito de outro modo, parte do postulado de base de Crozier e Friedberg de que “não existe campo não estruturado”. Este último baseia-se na constatação, por parte daqueles autores, de que “não há acção social sem poder e que todo o poder supõe e constitui por sua vez uma estruturação de campo”³¹. Entre a lógica da “liberdade anómica” e a lógica do “condicionamento total”, os arquitectos da “análise estratégica” sustentam que, embora o conjunto humano seja estruturado, ele só o é parcialmente e que a sua estruturação é, para além do mais, contingente³².

1.1.3. SOCIO-ANTROPOLOGIA DA MUDANÇA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO

O conceito de “antropologia do desenvolvimento” adquire um certo significado no sentido de poder oferecer uma visão da ajuda ao desenvolvimento através de uma perspectiva antropológica que dê igual importância a todos os grupos envolvidos no processo (peritos, burocratas, lavradores, pastores, etc.) que possuem estratégias de acção e atitudes culturais próprias³³.

³⁰ Ibidem, pp. 208-209. Crozier e Friedberg definem um sistema de acção concreto “como um conjunto estruturado que coordena as acções dos seus participantes por mecanismos de jogos relativamente estáveis e que mantém a sua estrutura, quer dizer a estabilidade dos seus jogos e as relações entre estes, por mecanismos de regulação que constituem outros jogos” (Ibidem, p. 246).

³¹ Ibidem, p. 210.

³² Ibidem, p. 199. Crozier e Friedberg criticam desta forma o interaccionismo clássico de George Homans, por um lado, e o interaccionismo das análises fenomenológicas de H. Mead e E. Goffman. Os etnometodólogos, segundo Crozier e Friedberg, levam a tendência interaccionista à exacerbação (ao raciocínio interpretativo e não sistémico).

³³ Ver BIERSCENK, T., ELWERT, G. e KOHNERT, D., *op. cit.*; LONG, Norman, “Introduction”, in *Battlefields of Knowledge*, (ed. Norman Long e Ann Long), London, New York, 1992.

Esta perspectiva, de índole sócio-antropológica, não se limita à avaliação individual de projectos de desenvolvimento e ignora de forma consciente as fronteiras *a priori* existentes entre antropologia e sociologia do desenvolvimento. A tarefa a enveredar não é só a procura da interdisciplinaridade que exige a cooperação de duas ou várias disciplinas que, isoladamente empregam esquemas conceptuais e métodos de investigação próprios, mas também que dessa cooperação resulte a adopção de um mesmo agregado de conceitos fundamentais ou elementos de um só método de investigação, isto é, “*a common theoretical frameworks for empirical studies...*” segundo Olivier de Sardan³⁴.

A antropologia do desenvolvimento pretende constituir-se na base de uma investigação fundamental, preconizando uma abordagem não-normativa. Nesta ordem de ideias, Olivier de Sardan refere:

*“We want to study what is happening with development, in the same way that anthropologists used to study kinship or religion.”*³⁵

Para Olivier de Sardan, faltava à antropologia do desenvolvimento, iniciada por Bastide³⁶ e Balandier³⁷ no início da década de 70, um enquadramento teórico comum para os estudos empíricos, ou seja, um complexo de paradigmas que unificasse um “colégio invisível” de investigadores e permitisse a abordagem comparativa. Esta falta, segundo Olivier de Sardan, deve-se ao facto de a antropologia teórica, no campo da mudança social e económica, ter sido dominada, nas últimas décadas, pelo “estruturalismo-acção” e pela abordagem especulativa da antropologia económica francesa que, segundo aquele autor, não prestava a devida atenção às respostas diversificadas dos produtores das regiões rurais face às intervenções provenientes do exterior. Contudo, Olivier de Sardan refere que nos últimos anos se deram passos importantes em direcção a novos paradigmas, unificando casos de estudo aparentemente heterogéneos. Convergências que, de certo

³⁴ OLIVIER DE SARDAN, J.-P., Peasant Logics and Development project logics, *Sociologia Ruralis*, 28 (2/3), 1988, pp. 216-226.

³⁵ Ibidem, p. 217.

³⁶ Ver BASTIDE, R., *Anthropologie Appliquée*, Payot, Paris, 1971.

³⁷ Ver BALANDIER, G., *Sense et Puissance*, P.U.F., Paris, 1971 e ainda MAFFESOLI, M., RIVIÈRE, C (Dir), *Une Anthropologie des Turbulences*, Berg International, Paris, 1985.

modo, já se fizeram sentir no Congresso da Sociedade Europeia para a Sociologia Rural, realizado em Braga (Portugal) em 1986 e sob o tema "Ajuda e Desenvolvimento"³⁸.

O desenvolvimento deste "colégio invisível" contorna a "sociologia do desenvolvimento" cujas concepções reflectem o que se deve fazer e o que deverá ser considerado como "bom" desenvolvimento. Este, bom ou mau, sucesso ou fracasso, desejável ou indesejável, é sobretudo uma "realidade" social que deve ser estudada e analisada como um "evento social" e numa complexa interacção que não pode ser compreendida através de uma abordagem mecânica e linear. Os estudos de Bierschenk³⁹ sobre o Benin e os de Crehan e von Oppen⁴⁰ sobre a Zâmbia levam Olivier de Sardan a definir um projecto de desenvolvimento como um "permanente processo de negociação entre diferentes grupos de interesse"⁴¹ que tem necessariamente efeitos imprevisíveis devendo evitar-se os modelos lineares em prol de uma abordagem mais interaccionista, contextualista e estratégica. Especial ênfase é dada à perspectiva diacrónica, partindo do pressuposto que muitas das reacções das populações rurais na actualidade somente poderão ser compreendidas no contexto de experiências e fracassos anteriores.

A abordagem interaccionista tem vindo a ganhar um certo fôlego nas últimas duas décadas, centrando a investigação sobre os actores sociais ou grupos destes, nas suas estratégias e na margem de manobra que aqueles possuem quando inseridos em estruturas que entravam a sua liberdade de acção. Em França, o espaço de tempo que medeia os estudos e as propostas de Crozier e Friedberg⁴² e as de Touraine⁴³ suscitam na antropologia, a importação de um certo tipo de análises estratégicas⁴⁴. Contudo, é nos anos

50-60, com Balandier, que a ruptura com o estruturalismo de Lévi-Strauss se inicia, acentuando-se os estudos sobre as dinâmicas sociais, a diacronia e as contradições preconizadas por Balandier, afinal, segundo Olivier de Sardan, o introdutor da Escola de Manchester e da antropologia política anglo-americana em França. Em *Sens et Puissance*, Balandier faz várias referências aos antropólogos da Escola de Manchester que foram, juntamente com E. Leach, os precursores da teoria "dinamista" no domínio da antropologia social. Leach pugnava já pelas considerações sobre o contraditório e conflitual em sociedades não necessariamente estáveis nem isoladas nas suas próprias fronteiras mas ameaçadas por contradições internas⁴⁵. Relativamente à Escola de Manchester⁴⁶ Balandier refere o seguinte:

*"Les anthropologues de l'école de Manchester, sous l'impulsion de Max Gluckman orientent également leurs recherches dans le sens d'une lecture dynamique des formations sociales. C'est aussi que Gluckman a consacré une partie importante de son oeuvre à l'examen des relations existant entre la 'coutume' et le 'conflit', l' 'ordre' et la 'rébellion'. Pour ce qui me concerne, j'ai voulu conduire une entreprise de même inspiration au cours des vingt dernières années, en trouvant un terrain d'application dans le domaine de l'anthropologie politique; soit en démontrant que la dynamique est une propriété nécessaire du système social, et que toute société ne peut être qu'un système approximative, soit en manifestant les pratiques sociales sous quatre aspects principaux: conformité, stratégie, manipulation et contestation."*⁴⁷

Para além dos estudos de M. Gluckman realizados nos anos 40, as contribuições dos seus seguidores como V. W. Turner e J. Van Velsen, cons-

³⁸ Neste congresso foram apresentados diversos estudos regionais e posteriormente publicados numa edição especial da revista *Sociologia Ruralis*, Vol. XXVIII - 2/3, 1988.

³⁹ BIERSCHENK, Thomas, *op. cit.*

⁴⁰ CREHAN, Kate, VON OPPEN, *op. cit.*

⁴¹ OLIVIER DE SARDAN, J.-P. Peasant logics..., *op. cit.*, p. 217.

⁴² CROZIER, M., FRIEDBERG, E., *op. cit.*

⁴³ Ver TOURAINE, Alain, *Le Retour de l'Acteur*, Fayart, Paris, 1984; e ainda TOURAINE, Alain, "La société a-t-elle un centre?", in *Une Anthropologie des Turbulences* (Dir. Michel Maffesoli et Claude Rivière), Berg International, Paris, 1985.

⁴⁴ Ver OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *op. cit.*

⁴⁵ Cf. BALANDIER, G., *Sens et...*, *op. cit.*, p. 34.

⁴⁶ A Escola de Manchester, assim designada, surge na constituição de um grupo de investigadores do Rhodes-Livingstone Institute, em Lusaka, e chefiado por Max Gluckman que mais tarde, em Manchester, como responsável da Cadeira de Antropologia Social reúne em sua volta alguns daqueles investigadores que formaram numa nova geração de seguidores. (ver LONG, Andrew, "The Methodological significance of situational analysis and discourse", in *Battlefields of Knowledge* (Edit. Norman Long e Ann Long), London, New York, 1992.

⁴⁷ BALANDIER, G., *Sens et...*, *op. cit.*, p. 34. Ver ainda BALANDIER, G., *Antropologia Política*, Presença, Porto, 1980, p. 30.

tituem, segundo Balandier, marcos fortemente representativos do desenvolvimento da teoria "dinamista" no seio da antropologia social⁴⁸. Outras duas figuras de proa da Escola de Manchester são J. C. Mitchell⁴⁹ com o estudo das redes sócio-culturais e, mais recentemente, Norman Long com o desenvolvimento da abordagem *actor-oriented* no âmbito da sócio-antropologia do desenvolvimento.

Para Long⁵⁰, a essência da abordagem *actor-oriented* consiste no facto dos conceitos serem fundados ou fundamentados nas experiências e compreensões da vida quotidiana de homens e mulheres, sejam eles, camponeses, burocratas ou investigadores⁵¹. Long esclarece do seguinte modo:

*"In order to advance these theoretical and methodological concerns, we built upon recent attempts to reconceptualize certain notions of 'knowledge', 'power' and 'agency'. A related issue is that of developing an analysis of 'interface' situations where the different life-worlds interact and interpenetrate. Such an analysis stresses the reproduction and transformation of social discontinuities inherent in interface encounters, including (again) those between the researcher and the researched."*⁵².

O método ou métodos, combina a "análise situacional", o "estudo de caso" e a análise transaccional e de redes, características da Escola de Manchester desde os seus tempos mais remotos. Noções básicas deste tipo de abordagem são, como Long refere, "actor social", "agência", "mundo vivencial", "construção do conhecimento", "acção estratégica", "espaço de manobra" e *interface*⁵³.

⁴⁸ Cf. BALANDIER, G., *Sense et...*, *op. cit.*

⁴⁹ Ver OLIVER DE SARDAN, *Anthropologie et...*, *op. cit.*, p. 39 e LONG, Andrew, *op. cit.*, pp. 162-163.

⁵⁰ LONG, N., "Introduction", *op. cit.*, p. 5.

⁵¹ Ver BIERSCHENK, T., ELWERT, G., KOHNERT, D., *op. cit.*

⁵² LONG, N., "Introduction", *op. cit.*, p. 6.

⁵³ Cf. VILARREAL, Magdalena, "Power, gender and intervention from an actor-oriented perspective", in *Battlefields of Knowledge* (Edit. Norman Long e Ann Long), London, New York, 1992.

Em Long o conceito de *agency* (capacidade de acção do actores sociais) reivindica a problemática de A. Giddens⁵⁴ onde *knowledgeability* e *capacity* são duas formas distintas de *agency* que implica a criação e a manipulação de uma rede de relações sociais⁵⁵. Os actores sociais "internalizam" os elementos "externos", e a sua acção, mesmo que entrosada no seio de estruturas sociais, desenvolve "espaços de manobra", exercendo de alguma forma um "poder" que influencia as actividades dependentes de decisões a nível superior. Os actores sociais são, por isso, capazes de formular decisões, inovar e experimentar⁵⁶.

Em *Battlefields of Knowledge*, Long e a sua equipa de Wageningen Agricultural University (Holanda) apresentam estudos empíricos que pretendem elucidar os dilemas do trabalho de campo e da relação do investigador com os actores sociais observados⁵⁷ as suas lógicas e interpretações, a construção social do conhecimento quotidiano⁵⁸ e as relações entre o Estado e os camponeses, num certo sentido situações de *interface* entre o burocrata e o camponês através de uma análise etnográfica de micro-eventos. Através de uma destas análises, que pretende abordar as dinâmicas do conhecimento, Arce e Long⁵⁹ desenvolvem o conceito de *interface*⁶⁰, entre as estruturas burocratizantes e as estratégias dos camponeses, pela mediação do "técnico", confrontando-se duas "comunidades epistémicas" distintas que agregam actores sociais com diferentes "mapas cognitivos" através dos

⁵⁴ Ver OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et...*, *op. cit.*, p. 40.

⁵⁵ Ver GIDDENS, Anthony, *Novas regras do método sociológico*, Gradiva, 1996, pp. 87-95.

⁵⁶ Ver LONG, Norman, "The case for an actor-oriented sociology of development", in *Battlefields of Knowledge* (Edit. Norman Long e Ann Long), London, New York, 1992, p. 24.

⁵⁷ Ver de VRIES, Pieter, "On actors, concepts and the text", in *Battlefields of Knowledge* (Edit. Norman Long e Ann Long), London, New York, 1992, pp. 47-84; SEUR, Han, "Exploring methods of restudy", in *Battlefields of Knowledge* (Edit. Norman Long e Ann Long), London, New York, 1992, pp. 115-143; TORRES, Gabriel, "Methodological issues and challenges", in *Battlefields of Knowledge* (Edit. Norman Long e Ann Long), London, New York, 1992, pp. 85-114.

⁵⁸ Ver LONG, Andrew, *op. cit.*

⁵⁹ Ver ARCE, Alberto, LONG, Norman, *op. cit.*

⁶⁰ Por *interface* entenda-se uma superfície comum e de encontros frente-a-frente.

quais os indivíduos processam informação⁶¹. Trata-se, por conseguinte, de uma “arena” onde emergem conflitos e oposições, uma superfície comum onde se concretiza “um encontro frente-a-frente entre indivíduos com diferentes interesses, recursos e poder”⁶².

As propostas de Long preconizam uma ruptura com o paradigma da modernização e a perspectiva estrutural neomarxista que aquele actor considera terem semelhanças de natureza paradigmáticas, não obstante as diferenças ideológicas evidentes. Ambas têm, segundo Long, uma visão determinista linear e externalista da mudança social, recorrendo de modelos explicativos por “estádios de desenvolvimento” ou por “modos de produção dominantes”⁶³. Como contrapartida à análise estrutural, Long propõe:

*“This is what I call the actor-oriented paradigm. Underpinning (either explicitly or implicitly) this interest in social actor is the conviction that, although it may be true that certain important structural changes result from the impact of outside forces (due to encroachment by the market or the state), it is theoretically unsatisfactory to base one’s analysis on the concept of external determination. All forms of external intervention necessarily enter the existing life-worlds of the individuals and social groups affected, and in this way are mediated and transformed by these some actors and structures.”*⁶⁴.

Resumindo, para Long (e estes são os pressupostos também assumidos ao longo da nossa pesquisa), os actores sociais não são categorias sociais “desincorporadas”⁶⁵ afectas a um qualquer critério classificatório, nem recipientes passivos relativamente às intervenções externas ou internas, mas sujeitos activos que reinterpretem o sentido dessas intervenções através de processos de “internalização” em consonância com múltiplas estratégias combinatórias, quando confrontam actores, instituições ou individualidades, sejam elas internas ou externas à sociedade onde reproduzem as intervenções.

⁶¹ Ibidem.

⁶² Ibidem, p. 214.

⁶³ Ibidem, p. 20.

⁶⁴ Ibidem, Id..

⁶⁵ Ibidem, p. 21.

Os projectos de desenvolvimento não se realizam através de processos lineares uma vez que eles originam reacções, contra-reacções e compromissos, constituindo um “processo de aprendizagem para todos os envolvidos”⁶⁶. A ajuda ao desenvolvimento constitui, frequentemente, uma intervenção sobre sistemas dinâmicos que têm os seus próprios “modos de transformação” que a intervenção planificada, pela sua rigidez, não contempla e não se adapta á complexidade desses sistemas auto-organizados⁶⁷. Os grupos de interesses (planificadores do exterior, representantes dos poderes locais e nacionais, políticos e diferentes fracções do grupo ou camponeses), inseridos em diferentes realidades políticas e económicas, percebem o projecto e agem em função de processos históricos relativamente longos com dinâmicas históricas específicas⁶⁸. Deste modo, os projectos de desenvolvimento podem ser analisados como “um permanente processo de negociação entre diferentes grupos estratégicos” numa “heterogénea arena de acção”, onde cada grupo persegue o seu próprio “projecto”⁶⁹.

J.-L. Amselle⁷⁰ havia-se interrogado sobre a possibilidade de existir uma só ideologia do desenvolvimento e, por conseguinte, uma só prática, tendo em conta que esforços de desenvolvimento fortemente centralizados avaliam mal as necessidades, as aspirações e os recursos dos grupos-alvo⁷¹. Nem tão pouco, frequentemente, consideram as lógicas que sustentam os “modos de acção económica” das populações rurais que mantêm uma complexa combinação de múltiplas estratégias económicas⁷². A este propósito, G. Elwert e T. Bierschenk referem, para o contexto africano, aquilo a que consideramos ser de grande pertinência:

“In Africa we have to deal with societies which have their own specific historical dynamics. Transformation is not a modern process; it can be

⁶⁶ CREHAN, Kate, VON OPPEN, Achim, *op. cit.*, p. 114

⁶⁷ Ver ELWERT, G., BIERSCHENK, T., Development Aid an Intervention in Dynamic Systems. An Introduction, *Sociologia Ruralis*, Vol. XXVIII – 2/3, 1988, pp. 99-112.

⁶⁸ CREHAN, K., VON OPPEN, A., *op. cit.*.

⁶⁹ BIERSCHENK, T., *op. cit.*, p. 158.

⁷⁰ AMSELLE, J.-L., Le developpement..., *op. cit.*.

⁷¹ Ver KOHNERT, D., Socialism without liberation. Land Reclamation Projects in Guinea-Bissau, *Sociologia Ruralis*, Vol. XXVIII – 2/3, 1988, pp. 191-175.

⁷² OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Peasant Logics...*, *op. cit.*.

observed centuries before colonial times, during colonial times and since. These societies have specific ways of creating innovations and transforming and incorporating innovations brought from outside"⁷³.

A socio-anthropologia da mudança social e do desenvolvimento não constituem um paradigma, no sentido kuhniano do termo. Contudo, desde meados da década 80, propostas, pesquisas e reflexões de diferentes autores vêm apresentando problemáticas convergentes no âmbito da sociologia e antropologia do desenvolvimento. Esta convergência tem suscitado o aparecimento de um "colégio invisível" ou uma "rede informal de investigadores" em volta de uma mesma problemática e do objectivo mais ou menos explícito da constituição de um "enquadramento teórico comum para os estudos empíricos" que permitisse a abordagem comparativa⁷⁴.

Diferenças epistemológicas notórias entre a visão estruturalista e a visão fenomenológica nas ciências sociais determinam, nesta área, uma multiplicidade de paradigmas; contudo, existe a possibilidade de vivermos, na actualidade, um período histórico que manifesta "um caleidoscópio de possibilidades e combinações" entre paradigmas teóricos que conduzam a "novos modos de conceptualização das complexidades e dinâmicas de vida social"⁷⁵.

A socio-anthropologia da mudança social e do desenvolvimento, rompendo com o paradigma normativo, economicista e neoliberal e seus fundamentos de natureza ideológica, pretende constituir-se como investigação fundamental onde o desenvolvimento/subdesenvolvimento é um objecto de estudo enquanto evento social. Não constituindo um paradigma unificado, ela identifica-se, segundo Olivier de Sardan, pelo "estudo empírico multidimensional de grupos sociais contemporâneos e de suas interações, numa perspectiva diacrónica e combinando a análise das práticas e as das suas representações"⁷⁶. E porque estuda a confrontação de elementos heterogéneos, divergentes e contraditórios ela é ainda uma antropologia do sincretismo só possível através da pesquisa etnográfica "fundamental", complexa, longa e totalizante⁷⁷.

⁷³ ELWERT, G., BIRSCHENK, T., *Development Aid as Intervention in Dynamic Systems. An Introduction, Sociologia Ruralis*, Vol. XXVIII – 2/3, 1988 p. 19.

⁷⁴ OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Peasant Logics...*, *op. cit.*, p. 216.

⁷⁵ LONG, N., "The case for an actor-oriented...", *op. cit.*, p. 40.

⁷⁶ OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et...*, *op. cit.*, p. 10.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 200.

1.1.4. O CONCEITO DE ESTRATÉGIA

Olivier de Sardan, em *Anthropologie et Développement*⁷⁸, utiliza os conceitos ou termos de "estratégias" e "lógicas" de uma forma indistinta. A proposta de Yung e Zaslavski⁷⁹, relativamente ao termo de "estratégias", corresponde àquilo que Olivier Sardan denomina de "lógica". Para este autor, a "estratégia de minimização de riscos" é uma "lógica da segurança", do mesmo modo que uma lógica de assistência é uma "estratégia assistencialista".

Olivier de Sardan demarca-se de toda a postura generalista na utilização do termo de lógica do actor ou da referência a uma estratégia *tout court*. É assim que se refere ao "diálogo de surdos" entre a sociologia de Bourdieu, por um lado, e a "sociologia das organizações", por outro. Sem definir adequadamente os termos de "lógica" e "estratégia", Bourdieu associa estes ao conceito de *habitus* e socorrendo-se dos "processos de condicionamento" na sua argumentação opõe-se, ao "racionalismo metodológico" de Crozier e Friedberg. Contudo, Olivier de Sardan tenta sossegar o leitor, referindo o seguinte:

*"Cet usage à géométrie variable des termes de "logique" ou de "stratégie" ne doit cependant pas trop effrayer. S'ils ne peuvent être stabilisés à un seul niveau d'utilisation, c'est tout simplement que les comportements des acteurs se situent eux-mêmes à des niveaux de cohérence multiples, variés, imbriqués. Parler de logique d'acteur en général ou de stratégie tout court est inutile, stérile et parfois absurde. Une logique ou une stratégie doit toujours être spécifiée pour faire sense sociologique."*⁸⁰

Assim, Olivier de Sardan pretende demarcar-se do "caracter imanente, inconsciente, incorporado..." da teoria do *habitus*⁸¹. Contudo, o seu

⁷⁸ *Ibidem*, p. 126.

⁷⁹ YUNG, J. M., ZASLAVSKY, J., *Pour une prise en compte des stratégies des producteurs*, Montpellier, CIRAD, 1992.

⁸⁰ OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et...*, *op. cit.*, pp. 26-27.

⁸¹ *Ibidem*, p. 51. Olivier de Sardan chega mesmo a imputar ao edifício teórico de P. Bourdieu um certo teleologismo, usado para a construção de um sistema novo que ultrapasse o antagonismo entre holismo e individualismo metodológicos, através de uma teoria global que "... recusa de ser desarticulada e exige de ser tomada na sua coerência." (*Ibid.*)

afastamento relativamente à teoria da racionalidade que insiste no aspecto “deliberado, explícito, calculado e consciente...” das lógicas da acção, já não surge tão claro, se nos referimos à racionalidade limitada da “análise estratégica”. Tendo em conta que Olivier de Sardan usa de forma indistinta os termos “estratégias” e “lógica”⁸², a sua definição deste último aproxima-se do conceito de estratégia proposto por Crozier e Friedberg⁸³, dado que, para O. Sardan, “lógica” evoca tão simplesmente “as diversas linhas de coerências que o observador deduz a partir de uma observação empírica de conjuntos de práticas particulares diferenciais”⁸⁴. Ora, sobre o termo de “estratégia” Crozier e Friedberg enunciam o seguinte:

*“Celle-ci n'est donc rien d'autre que le fondement inféré ex post des régularités de comportement observées empiriquement. Il s'ensuit qu'une telle “stratégie” n'est nullement synonyme de volonté, pas plus qu'elle n'est nécessairement consciente.”*⁸⁵.

Estamos perante uma “racionalidade” muito limitada que não é necessariamente consciente nem tão deliberada e explícita como se deveria esperar de um “racionalismo metodológico”. Para Crozier e Friedberg, as estratégias variam consoante as capacidades dos actores e a configuração dos seus campos estratégicos e ainda consoante a estrutura e as “regras” de jogos nos quais eles participam na organização⁸⁶. Tendo em conta estas variáveis as estratégias podem ser mais ou menos arriscadas, mais ou menos agressivas ou mais ou menos defensivas. Não existe, por isso, um modo de comportamento único mas “um conjunto estruturado de estratégias possíveis” numa dada situação e num dado jogo⁸⁷.

⁸² Ibidem, p. 138.

⁸³ Ver CROZIER, M., FRIEDBERG, E., *op. cit.*, p. 48.

⁸⁴ OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et ...*, *op. cit.*, p. 127.

⁸⁵ CROZIER, M., FRIEDBERG, E., *op. cit.*, p. 48.

⁸⁶ Segundo R. Boudon “... o real ultrapassa sempre os limites do racional principalmente se se tratar de fenómenos particularmente complexos como são os fenómenos sociais.”, (BOUDON, Raymond, *O lugar da desordem*, Gradiva, Lisboa, 1990, p. 332.

⁸⁷ CROZIER, M., FRIEDBERG, E., *op. cit.*, pp. 102-103.

Para melhor compreendermos o conceito de estratégia e uso de que dele fazem Crozier e Friedberg, estes referem as seguintes observações empíricas: só raramente os actores têm objectivos claros e projectos coerentes; o seu comportamento é activo; esse comportamento tem sempre um sentido; é um comportamento que tem sempre um aspecto ofensivo (ou objectivo de melhorar a situação do actor) e um aspecto defensivo (na manutenção e alargamento da capacidade de manobra); e, por fim, não existe comportamento irracional do actor⁸⁸. Os projectos dos actores são múltiplos e com diversos graus ou níveis de ambiguidade e contradição e nem sempre explícitos. No seu percurso o actor substitui, anula e reinterpreta os objectivos e os projectos iniciais num comportamento nem sempre reflectido ou linear e que, embora sempre constrangido e limitado, nunca é directamente determinado.

O comportamento do actor é racional não relativamente aos objectivos mas relativamente às oportunidades e ao contexto que as definem, ao comportamento dos outros actores (suas posições estratégicas) e aos jogos que se estabelece entre eles⁸⁹. A acção dos participantes num conjunto humano estruturado ou “sistema de acção concreto”⁹⁰ é coordenada por mecanismos de jogos relativamente estáveis. A estabilidade deste jogos (a sua estrutura) e as relações entre eles são mantidas, segundo Crozier e Friedberg, por mecanismos de regulação que constituem outros jogos⁹¹. Sendo assim, os sistemas de acção são constantemente construídos e reestruturados, por uma racionalidade contingente e limitada não deixando, contudo, de ser influenciados por uma aprendizagem pela experiência do decisor quanto àquilo que é possível e procurado e que não é necessariamente consciente. Estes sistemas, na sua forma equilibrada ou auto-regulada, possuem diversos degraus de escalonamento: ou seja, um ao nível operacional e da iniciativa da decisão; um outro intermédio onde se concretiza a gestão dos homens e a organização do jogo; por fim, um nível superior onde se elaboram os crité-

⁸⁸ Ibidem, pp. 47-48.

⁸⁹ Ibidem, p. 47.

⁹⁰ Um projecto de desenvolvimento pode constituir um “sistema de acção concreto” mais aberto e menos estruturado. Cf. CROZIER, M., FRIEDBERG, E., *op. cit.*, p. 204 e ainda OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et ...*, *op. cit.*, p. 125.

⁹¹ CROZIER, M., FRIEDBERG, E., *op. cit.*, p. 246.

rios de racionalidade (e as regras do jogo) que “deverão ser interiorizados pelos decisores operacionais e relativamente aos quais estes serão julgados”⁹². Em cada um destes níveis existe, entretanto, o controle de “fonte de imprevisibilidade” ou de incerteza particulares e que constituem a diferença que se pode estabelecer entre um sistema de acção concreto e um outro.

A antropologia da mudança social e do desenvolvimento e a perspectiva *actor-oriented* de Norman Long e seus seguidores tomam os actores sociais não como sujeitos abstractos e desincorporados ou meros *homo-calculus*, mas como indivíduos ou grupos detentores de “mundos vivenciais” e agindo como resposta ao mundo exterior. Estes actores agem estrategicamente, tentando antecipar e responder às decisões dos outros actores, orientando-se não só em direcção a certos objectivos e decisões próprias mas ainda em direcção de normas e valores⁹³. Inseridos em redes de sociabilidade específicas, os actores sociais possuem diferentes acessos a importantes recursos que os indivíduos e grupos usam para criar e demarcar as margens dos seus “mundos vivenciais” (*life-worlds*)⁹⁴. Neste sentido, a análise da acção estratégica na perspectiva *actor-oriented* é do tipo weberiano, ou seja, no sentido que Weber dava à noção de poder (a capacidade de um indivíduo fazer agir um outro), direccionando a análise sobre o modo de como os actores se tentam envolver e convencer outros, usando recursos para exercer poder sobre esses mesmo outros actores⁹⁵. Para Long, as redes socio-culturais tornam-se “elementos chave nestes processos”, moldando os objectivos e as compreensões dos participantes e albergando dentro de si potenciais recursos que os indivíduos utilizam para criar espaço social e político⁹⁶.

Fica, contudo, incontornável a advertência de Olivier de Sardan quando refere que uma “lógica” ou uma “estratégia” “deverá ser sempre

especificada para fazer sentido sociológico”⁹⁷. No âmbito da nossa pesquisa partilhamos com Olivier de Sardan a ideia de que podemos aceitar como adquirido a existência duma “pluri-racionalidade” dos actores sociais que perseguem múltiplas combinações sempre renovadas. Racionalidades económicas, decerto, mas ainda racionalidades culturais e simbólicas, mais ou menos difusas mas, contudo consideramos, o pano de fundo de percursos cognitivos que, interligados ou interconectados com a própria experiência dos actores sociais, levam à formação de um conjunto de “mapas cognitivos”, ou seja, o “mundo vivencial” de um indivíduo do qual este último recorre para criar antecipações no sentido de desenhar “espaços de manobra” mais ou menos virtuais e, pela acção, conquistar espaço político-social. O controlo e gestão das “zonas de imprevisibilidade” ou de incerteza dá-se, por conseguinte, na interconecção entre o domínio cognitivo e o domínio experiencial.

O resultado é a construção da acção dos actores sociais (*agency*)⁹⁸ e suas competências pragmáticas perante a insuficiência ou deficiência de informação, a imprevisibilidade e os constrangimentos de ordem física, social e moral. Os actores sociais recorrem da sua “competência” (*knowledgeability*) e “capacidade” (*capacity*) para criar e manipular estrategicamente uma rede de relações sociais, onde se desenvolvem interacções e processos de troca (reciprocidades, cumplicidades, etc.) que originam, por sua vez, oportunidades estratégicas e acessos aos recursos das estruturas englobalizadoras⁹⁹.

A constatação empírica de que o actor social controla “zonas de imprevisibilidade” ou de incerteza num determinado contexto de acção é consistente e, num certo sentido, o pretexto para a escolha da própria metodologia da pesquisa. Quando em situação de pesquisa o investigador é apresentado a um agricultor ou grupo de agricultores como alguém que lhes quer fazer algumas perguntas (uma entrevista), o agricultor vê-se constrangido pela representação social que é conferida ao extensionista, ao engenheiro agrícola, etc., que apresenta o investigador à comunidade. A aceitação ou recusa ao pedido de ser entrevistado, por parte dos agricultores,

⁹² Ibidem, pp. 294-296.

⁹³ Ver TORRES, Gabriel, *op. cit.*.

⁹⁴ Sobre estes “mundos vivenciais” ver SEUR, Han, *op. cit.*, p. 116.

⁹⁵ Ibidem, p. 117. Para a perspectiva *actor-oriented* a contribuição de J. Habermas no tocante à distinção que este autor faz entre os quatro tipos ou dimensões da acção (estratégica, normativa, dramaturgica e comunicativa) revela-se de grande importância.

⁹⁶ LONG, N., “Conclusion”, in *Battlefields of Knowledge* (Edit. Norman Long e Ann Long), London, New York, 1992, pp. 275-276.

⁹⁷ OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et...*, *op. cit.*, pp. 126-127.

⁹⁸ A. Giddens citado por Olivier de Sardan, Ibidem, p.40.

⁹⁹ Ibidem, Id.

implicará de alguma forma uma reacção mais ou menos expectável pelo representante de uma ou outra administração ou organização. O agricultor, constringido ou não, aceitando ser entrevistado tem ainda a possibilidade de controlar zonas de imprevisibilidade ou de incerteza, espaço de manobra, respondendo às questões de entrevista da maneira que melhor lhe convier. Poderá mesmo até contornar as questões, falsear as respostas ou mesmo estabelecer um diálogo de "surdos" com o seu interlocutor¹⁰⁰.

As fontes de imprevisibilidade ou de incerteza controladas pelo actor social são do domínio cognitivo e é nesta dimensão que os indivíduos se movimentam para construir "competência" na gestão ou controle nas zonas de imprevisibilidade para, numa segunda instância, construir espaço ou margem de manobra para a acção ("capacidade"). A questão que se coloca, então, é a mesma lançada por Long¹⁰¹ e sublinhada por Olivier de Sardan¹⁰², ou seja, a questão de compreender por quais processos as intervenções exteriores penetram na vida dos indivíduos e dos grupos, e como se transformam em recursos ou obstáculos para as estratégias desenvolvidas pelos actores sociais¹⁰³. O mesmo é questionar sobre as "interacções dialécticas" entre os sistemas de constringimento económico, político, etc., e os processos de adaptação, de inovação ou resistência objecto de estudo privilegiado pela socio-anthropologia do desenvolvimento¹⁰⁴. Esclarecer os comportamentos dos agricultores face às operações de desenvolvimento é, consideramos, tentar "a explicação da produção e reprodução da sociedade como resultado da actividade humana"¹⁰⁵, para Giddens uma das duas principais tarefas da análise sociológica.

¹⁰⁰ Esta situação constitui o "grau zero da comunicação" onde o recurso ao "crioulo" é muito frequente. Trata-se de uma estratégia de "evitamento" ou de "fuga". A utilização da língua "crioulo" na comunicação reforça o uso das metáforas e hipérboles, da habilidade em esquivar-se a uma situação ou questão sem, contudo, deixar de responder a essa questão. Em certo sentido, o crioulo pode ser uma linguagem de protecção, por um lado, e a melhor maneira de dizer uma coisa, por outro. (ver COLI, Waltraud B., *Cape Verdean Ethnicity*, s.d., s.l., 1897, p. 158; QUERRE, François, *Les mille et un mondes*, Rome, 1991, p. 38).

¹⁰¹ LONG, N., LONG, A., *op. cit.*

¹⁰² OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et...*, *op. cit.*

¹⁰³ LONG, N., "Introduction", *op. cit.*, pp. 6-7.

¹⁰⁴ OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et...*, *op. cit.*, p. 41.

¹⁰⁵ GIDDENS, Anthony., *op. cit.*, p. 185.

O problema de como articular os níveis das "macro-estruturas" e o nível das "micro-estruturas sociais" passa por uma integração de métodos, pela *interface*, segundo Olivier de Sardan, entre a antropologia e a sociologia "macro", por um lado, e a etnografia e a sociografia "micro" por outro, entre os condicionamentos estruturais e a acção dos agentes sociais¹⁰⁶, o efeito da estrutura e o efeito do actor¹⁰⁷. O conceito de "estratégia" impõe-se, deste modo, como crucial para a metodologia de pesquisa.

No âmbito desta nossa pesquisa sobre as estratégias de reprodução social em Santiago de Cabo Verde, o conceito de "estratégia" adquire a seguinte especificação e sentido sociológico: 1) As estratégias de reprodução na sociedade rural santiaguense desenvolvem uma combinação não binária (não dualista) de relações de produção heterogéneas assente num jogo estratégico resiliente¹⁰⁸, onde o actor social cria as suas antecipações via uma estratégia de minimização de riscos; 2) Os actores sociais agem perante situações concretas e no enquadramento de uma consciência histórica dos riscos assumidos numa perspectiva abrangente que integra as sucessivas crises alimentares gravadas na memória ou nos "mundos vivenciais" dos indivíduos; 3) As estratégias de reprodução configuram um modo de produção ou relações de produção misto, combinatório e de natureza transversal (auto-consumo, venda sazonal de produtos de cultivo, assalariamento, venda esporádica de animais, assistencial e migração); 4) Estas relações de produção combinatórias e transversais gravitam em torno da actividade de criação de gado que constitui um mecanismo "financeiro" informal de capitalização dos agregados familiares e de natureza não especulativa.

¹⁰⁶ Ver OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et...*, *op. cit.*, p. 48.

¹⁰⁷ Cf. DESJEUX, Dominique, *Stratégies Paysannes en Afrique Noire*, L'Harmattan, Paris, 1987, pp. 217-219.

¹⁰⁸ No sentido de que os membros do agregado familiar combinam diferentes actividades geradoras de rendimentos através de combinações sempre renováveis, de modo a que o agregado consiga poder de recuperação ou elasticidade de fontes de rendimento perante situações de crise alimentar reais ou virtuais (expectáveis). A este propósito cf. WEYLAND, Petra, *op. cit.*, p. 101.

A estratégia de minimização de riscos não configura uma recusa de todo e qualquer risco mas de uma selecção ou opção de riscos a correr¹⁰⁹. Um agricultor que cultiva a cana em parcelas de sequeiro minimiza o risco de uma insuficiência, no futuro, de recursos altamente capitalizáveis como pode ser a aguardente mas, entretanto, corre o risco de perder toda a produção de cana e o investimento de recursos nela realizado se as condições climáticas forem desfavoráveis. Por isso, é mais correcto falar-se de estratégia de minimização de um risco que determina a subvalorização de outros riscos inerentes à decisão do agricultor, que pretende minimizar geralmente os riscos climáticos (desprezando o cultivo de hortícolas e as sementes seleccionadas em favor dos usos tradicionais) e os riscos resultantes dos “disfuncionamentos” dos circuitos oficiais de aprovisionamento e de comercialização, optando pelas redes informais das *rabidantes* (revendedores). As estratégias combinatórias implicam ainda a revisão anual das escolhas culturais, o controlo do recrutamento da força de trabalho, a utilização de recursos extra-agrícolas (remessas, pensões) e o investimento na escolarização dos filhos em parte dependente da capitalização em gado do agregado familiar ou dos ingressos monetários resultantes dos salários das frentes de trabalho (trabalho assalariado sazonal) ou das remessas da emigração¹¹⁰.

Estas estratégias ou lógicas de reprodução social confrontam (ou evitam) a lógica da “configuração desenvolvimentista” do projecto através de um diálogo de “surdos” profusamente mediatizado ou intermediado ao nível das redes sócio-culturais e de *interfaces*, de múltipla natureza. Nestas redes e nestas superfícies comuns, de frente-a-frente que constituem as *interfaces*, os “grupos estratégicos” (ex: agricultores, pastores, influentes,

¹⁰⁹ A este propósito Niklas Luhmann dá-nos o seguinte aspecto pertinente a reconsiderar: “The observer of a decision maker may assess the risk of the decision differently from the decision maker himself; not least of all because he himself is not located in the decision taking situation, is not exposed to the same pressure to decide, does not have to react as rapidly, and, above all, does not have share in the advantages of the decision to the same degree as the decision maker himself.” In LUHMANN, Niklas, *Risk: A Sociological Theory*, de Gruyten, Berlin, NewYork, 1993, p. 68.

¹¹⁰ Cf. OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et...*, *op. cit.*

técnicos, especialistas ou consultores, etc.)¹¹¹ que constituem agregados sociais empíricos e que defendem interesses comuns utilizam (e frequentemente constituem-se como) dispositivos amplificadores de retransmissão de mensagens e interesses dos diferentes estratos sociais. Mas não existe imprevisibilidade ou incerteza total.

Não existe imprevisibilidade ou incerteza total para uma “estratégia de acção”¹¹². A sociedade rural santiaguense constitui uma sociedade complexa cujos problemas, em matéria de desenvolvimento rural, só serão resolvidos pela sua contextualização e multidimensionalização e, neste particular, o conceito de “estratégia” como “ferramenta” metodológica de natureza heurística adquire uma importância acrescida na compreensão da sociedade rural santiaguense onde as lógicas da reprodução (lógicas defensivas) dominam sobre as lógicas da acumulação (lógicas ofensivas)¹¹³.

¹¹¹ Para Olivier de Sardan os “grupos estratégicos” constituem uma noção essencialmente de ordem empírica e metodológica, uma alternativa à categoria de “classe social” muito mecânica e economicista. Os “grupos estratégicos” constituem uma realidade de “geometria variável”, virtual ou real. Não são constituídos de uma vez por todas, mas variam consoante os interesses e os enredos locais. Por vezes tomam características estatutárias e socio-profissionais (sexo, casta, ofício, etc.) ou afiliam-se a redes de solidariedade ou de clientela. (Olivier de Sardan, J.-P., *Anthropologie et...*, *op. cit.* pp. 179-182); ver ainda BIERSCHEK, T., *op. cit.* e ainda ARCE, A., LONG, N., *op. cit.*

¹¹² Edgar MORIN numa entrevista publicada no “Magazine Littéraire” do Verão de 1993 resume esta ideia do seguinte modo: “On retrouve l’incertitude. Mais l’incertitude n’est jamais totale. Il y a des îlots de certitude et des zones d’incertitude en fonction desquels peuvent se construire la stratégie de pensée et la stratégie de l’action. Dans l’incertitude absolue, il n’y a pas plus de stratégie, il faut jouer à pile au face.” (in “Magazine Littéraire”, n.º 312, Juillet-Aout, 1993, p. 21).

¹¹³ Cf. OLIVIER DE SARDAN, J.-P., *Anthropologie et...*, *op. cit.*, p. 124.